

o mistério de jesus blaise pascal (1623-1662)

Está Jesus não em um jardim de delícias, como o primeiro Adão que nêle se perdeu e a todo o gênero humano, mas em um jardim de suplícios, onde se salvou e a todo o gênero humano.

Sofre, no horror da noite, essa pena e êsse abandono.

Creio que só desta vez Jesus se queixou. Mas foi como se não mais pudesse conter em si a dor excessiva:

“Minha alma está triste até à morte.”

Jesus procura companhia e alívio da parte dos homens. Penso que isso aconteceu uma só vez em tôda a sua vida.

E nada recebe.

Os seus discípulos dormem.

Jesus estará em agonia até o fim do mundo.

É preciso não dormir durante êsse tempo.

*

Jesus, no meio dêsse abandono universal e no abandono dos amigos, escolhidos para com Êle velarem, ao encontrá-los dormindo, aflige-se pelo perigo a que expõem, não a Êle, mas a si mesmos. E os adverte da própria salvação e do próprio bem, com uma ternura cordial por êles, durante aquela ingratidão. E os adverte que o espírito é pronto, mas que a carne é fraca.

Jesus, encontrando-os ainda a dormir—sem que dissesse os retivesse a consideração que lhe deviam ou a que deviam a si mesmos—não os desperta, cheio de bondade. Deixa-os em repouso.

Jesus ora, sem ter certeza da vontade do Pai e teme a morte, mas, tendo conhecido essa vontade, avança e se oferece para a morte: “*Eamus. Processit.*”

Jesus implorou aos homens e não foi atendido.

Enquanto dormiam os discípulos, Jesus os salvou. E salvou a todos os justos, enquanto dormiam: do abismo do nada, antes de nascerem; do pecado, depois de nascidos.